

Artes visuais

Editor: Luis Ernesto M. Kawall; Redator: Fernando C. Lemos; Críticos: Nelson Merlin

Bolsa de arte

BIENAL NACIONAL 74

ALMEIDA: Glória, mista, 38 x 78	2.000,00
ALVES: Wilson, mod. ouro, papel onilina, tinta, pano, 29 x 29 1/2	6.000,00
ARAUJO: Paulo, óleo, 100 x 90	5.000,00
BRELL: João, gravura, 81 x 60	1.000,00
BRUNO: mista, 150 x 122, 1974	2.500,00
CARDOSO: José, mod. aço, 250 x 100	7.000,00
CARO: CONVIVIO, esc. mod. 200 x 330 x 40	7.000,00
CESPEDES: MOURA, mista, 60 x 80	15.000,00
COSTA: Luc, nana, qnq., 60 x 50	2.000,00
CUNHA: Joyce, mista, 140 x 62	2.000,00
DIAGRO: José, gravura, 76 x 56	800,00
ELIASH: Leo, tinta, 170 x 130	2.500,00
GLASS: Jairo, corv. qn., 52 x 61,5	300,00
GUELLER: Clá, mista, 85 x 54	2.000,00
GUERRA: Celso, sódio, 129 x 63	6.000,00
LACERDA: Carlos, desenh. 88 x 105	4.000,00
LUFFIG: Irene, óleo, 29 x 43	1.500,00
MAZZA: Márcia, 47 x 35	3.000,00
MEDeiros: Aderson, mista, 80 x 60	6.500,00
MEDeiros: Hefes, coril, 52 x 73	3.000,00
MENTEM: Paulo, qnq. foto, sêrie, 1.500,00 (cada)	
MICHALANY: Clara, qnq., tinta, 50 x 70	7.000,00
MORI: Emi, liquita, spray, 195 x 130	6.500,00
NAKARUBO: M. sêrie, graf., 73 x 73	700,00
PAGNANO: Edgar, gravura, 170 x 120	7.000,00
PICKLER: Karoly, qnq. inox, 250 x 60	30.000,00
RIBENBOM: R. fotolitogr. spray, 27 x 37	450,00
ROCHA: Edgar, Esc. sêrie, graf. material Impres. 500 x 500	30.000,00
RODRIGUES: Americus, sêrie, graf., 72 x 101	10.000,00
ROSSI: Alicia, gravura, 60 x 80	700,00
SHIMI: Pope, qnq. foto, 500 x 500	10.000,00
SOUZA: Homênis, mista, 109 x 60	1.000,00
SOUZA: Lyra, coril, graf., 80 x 60	1.800,00
SOUZA: Paulo, mista, desenh. 100 x 100	250,00
SPELTRI: Ingra, tempera, 80 x 150	5.000,00
SZURUI: Yukio, óleo, 127 x 127	6.000,00
TACCHI: Ana Maria, nana, sêrie, qnq., lapis cor, 50 x 65	1.000,00
CAFE: Vera, diversas, papel	1.000,00

(Artistas de S. Paulo)

De Fiore na Cosme Velho

Ernesto De Fiore, artista italiano, naturalizado alemão, que se radicou no Brasil desde 1937, traz sua mostra retrospectiva, incluindo desenhos e esculturas, na Galeria Cosme Velho, a partir do dia 20, às 21 horas.

Domingo próximo, num trabalho especial, "Artes visuais" publicará artigo de Arthur Octávio C. Figueiro sobre o importante pintor e escultor, cuja obra e ensinamento influenciou artistas brasileiros. "Artes visuais" publicará também, no mesmo dia, uma crítica de Harry Laus sobre os desenhos de Gerda Brentani, atualmente expostos na Galeria Bonfiglioli. Laus abordará o humor da artista através do ponto de vista do realismo cotidiano.

Equilíbrio

As linhas puras, retas ou curvas, linhas despidas de artifícios, simplesmente linhas, são, paralelas, concêntricas, cruzadas, horizontais ou verticais, são notadas desde os primeiros trabalhos e são cada vez mais nítidas e evidentes à medida que a mitação vai desascendo e despojando a obra de suas figuras.

A partir de 1945, quando pintou o retrato de Marcel Grassmann, passando pela "Fruteira" e "Abstração" de 1948, pelo geométrico trabalhado a mão-livre de 1949, pelo abstracionismo geométrico mais depurado e pela linha quase nua que atingiu em 1952, ainda sem os recursos da régua e do traço-linha — tudo é Charoux, tudo é unidade coerentemente a seu traço à linha que amarra num só volume trinta anos de arte.

O traço de Charoux pouco a pouco foi se libertando de seu suporte. Como um esqueleto que se livra de suas carnes descompando por minutos ficando a nu, mostrando por inteiro formas pias, sem artimanhas e artifícios, comes que na obra de Charoux nada acrescenta e tudo produzida.

Charoux é linha. Linha por ele mesma.

Equilíbrio — Comecei como todo mundo, pelo figurativo. Fiz tentativas nas áreas de expressão-linha.

Dele disse o crítico Almeida Salles: "Charouffes já é um artista plenamente realizado e, desde o primeiro ohar, o acerto como um criador dotado de uma riqueza de expressão surpreendente. Nunca a anedota, antes a sátira, nunca o fragmento cômico, antes a fide profunda da condição humana, sono e humor, antes a captação de um fôlego resignado que envolve o quotidiano do mundo."

Uma exposição de Charoux inaugura em 20 de novembro e vai até 6 de dezembro. Na Galeria Patrick Galéria, expõe o artista nordestino Pierra Chaila, que tem exposto no país no exterior. Ele mora atualmente em Maciê e expõe na Bienal.

Trabalho do artista chileno

RECOMENDAMOS: Bienal Nacional, Parque Ibirapuera; Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna; Desenho Brasileiro, Museu de Arte Contemporânea, Campinas; Belle Époque, Museu Lasar Segall; John Gray, Miguel dos Santos, Regina Cavalcanti, Museu de Arte de S. Paulo; Artistas de renome, Clube dos Amigos de Arte, Tarxila, década de 20, Gabinete de Arte; Noémia Mourão, Escritório de Arte Renato Magalhães Gouveia; "Artes", jornal, relançamento, diretor, Carlos von Schmidt.



O vienense — cobolco em seu atelier no Alto do Lopo.

Charoux premiado: a arte dos traços

Leithar Charoux é um papa-prêmio. Esse artista dos efeitos lineares como já o situou José Geraldo Vieira, acaba de ganhar o maior prêmio que se dá neste país a um artista: Governador do Estado, conferido pelo V Salão Paulista de Arte Contemporânea. Desde 1949, quando começou a mostrar seus trabalhos, Charoux vem ganhando prêmios um atrás do outro, numa seqüência fora do comum.

Quem teve a oportunidade de ver a retrospectiva de Charoux no Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro, ou privar com esse pintor-desenhista, acompanhado sua evolução desde o período de aprendizado com Waldemar da Costa, vê com facilidade (já a partir de seu expressionismo até ao parte de hoje) o op-Charoux, como disse Walter Zanini) uma coerência extraordinária.

Políester — Não sou como todo mundo, pelo figurativo. Fiz tentativas nas áreas de expressão-linha.

Equilíbrio — Comecei como todo mundo, pelo figurativo. Fiz tentativas nas áreas de expressão-linha.

Equilíbrio — Comecei como todo mundo, pelo figurativo. Fiz tentativas nas áreas de expressão-linha.

Equilíbrio — Comecei como todo mundo, pelo figurativo. Fiz tentativas nas áreas de expressão-linha.

Equilíbrio — Comecei como todo mundo, pelo figurativo. Fiz tentativas nas áreas de expressão-linha.

Campello: autodefinição

Mário Campello é baiano de Salvador, nascido em 1941. Iniciou sua carreira de pintor em 1961, depois de estudos na Escola de Belas Artes da Bahia. Este ano expôs seus trabalhos — do gênero naïf — na Feira Internacional de Arte, em Dusseldorf, Alemanha, e no Salão de Arte Contemporânea de Paris. Em nosso país realiza atualmente sua décima segunda exposição individual, na Galeria Documenta. Além disso, participou de várias feiras, aqui e no exterior.

Mário Campello seu auto-define, num texto claro e enuto: Desde criança manifestei tendências artísticas, tendo estudado música, e posteriormente ingressando na Escola de Belas Artes da Bahia.

Profissionalmente minha carreira artística iniciou-se em 1962, com a primeira exposição no IRL (Instituto Cultural de Brasília-Além, a convite de Adam Firnekaier).

No início pintava figuras isoladas, e acredito hoje ter conseguido colocá-las em uma paisagem onírica, de atmosfera de surrealismo romântico.

Acho muito difícil um artista falar sobre seu trabalho sem antes fazer o que ele faz. É uma tarefa e possibilidade de que o espectador possa dar vazão à sua imaginação e criatividade.

Para mim, pintura deve ser feita e não dita. Difícilmente um artista consegue agradar a todos os gostos. Quando pinto, deixo que o meu mundo interior seja transportado para as telas, e com isso espero dar um pouco de devaneio àqueles que se deixam pressionar pelo cotidiano.

Meu mundo misterioso e em permanente latência de metamorfoses. A figura deste pintor, cujo decorativismo atinge as raízes da invenção, mantém seu clima obsessivo de perfeição e afluência positiva, sem qualquer dúvida de um conceito de vida e de uma meta humana. Nada ali está corrompido ou desfeito, nenhuma folha tende a fenececer, tudo cintila esplendorosamente. Poucas vezes tem trazido ao Rio de Janeiro as amostras de seu dia-a-dia transpassado de uma luz quase excessiva, daí a oportunidade que a Galeria Verissimo nos dá de reter, no plano da memória visual, um momento feliz e leve de um caminho respeitável da pintura brasileira. Um caminho menos ideológico e mais sensível em seu imediatismo de factum visum, sua pintura que repousa na ambição de perfeccionismo de suas minúcias, de sua reflexão sobre o sonho e o clima prodigioso de paisagens imaginárias. Uma exposição para ser profundamente respirada, com uma proposta de refrigério e sorridente estação solar.

Campello, surrealista romântico

Mostra revitaliza cordel e xilogravura

Doze mil xilogravuras e 60 mil folhetos do romance popular do Nordeste vão ser apresentados a partir de terça-feira, às 21 horas, na Petite Galerie, em São Paulo. Na mostra, de evidente importância socio-cultural, o público poderá adquirir as gravuras (dez a 10 cruzeiros) e os folhetos de cordel (dez cruzeiros cada maço de 5). A exposição é iniciativa do "marchante" Carlos Hamilton de Recife, proprietário da Galeria Maná, que — tem como artistas exclusivos Virgínia, Fernando Lopes e Alcides Santos, entre outros — é a Editora Guariba, especializada na edição de obras assinadas por Ariano Suassuna, Dilla, Brenand, e Hermírio Borja Filho, sobre a cultura popular nordestina.

A mostra "Arte do cordel" é itinerante: veio da capital pernambucana para Brasília, onde, na Fundação Cultural do Distrito Federal, está montada desde o começo do mês, com sucesso de público e de crítica. Em São Paulo ficará até o final do mês, e em seguida irá para o Rio, na Petite Galerie carioca.

Carlos Hamilton — Juazeiro que abandonou a profissão para se dedicar ao mercado da arte — espera vender cerca de 100 mil folhetos de cordel nas três mostras de Brasília, São Paulo e Rio, e milhares de xilogravuras populares, numa prova evidente de que o público sulino se interessa pela literatura de cordel, comprando-as dos poetas, cantores, folcloristas, escritores populares. Com isso, evita sua extinção e incentiva a literatura popular, ameaçada de desaparecer pelo avanço do rádio, televisão e outros meios de comunicação no nordeste.

"Arte de cordel" tem a seguinte apresentação de Hermírio Borja Filho: "Por todo o nordeste brasileiro, ferreiros, calunias de cambalão, bolideiros, agardenteiros, feitores, vaqueiros, fleiteiros, esquadreiros, bombeiros, trabalhadores do algodão, cassacos, camisas, vestidos, vestidos, vestidos misteriosos, bolas encantadas, amores românticos, ganceiros, demônios, crenças, terras estranhas, recriadas em versos e gravuras na realização do mais exótico realismo-mágico de que se tem notícia."

O romance do Nordeste pode ser dividido em dois grandes setores: — a literatura de cordel, dos "folhetos" e a Poesia Improvisada dos "repentes" e "cantorias". O primeiro, que tem origem do folclore, mas tem, hoje, uma fisionomia própria, inclusivo pela riqueza das formas de estrofe usadas nele. Dessas estrofes, as mais usadas são a "axicilia", a "dúrina de sete sílabas" e o "martelo entrelaçado", que é uma dúrina de dez sílabas e cuja estrutura, original do Nordeste, se baseia entrelaçando na "dúrina de dez sílabas usada no Século de Ouro brasileiro".

Tanto nos "folhetos" da Literatura de Cordel como nas "cantorias" da Poesia Improvisada, são essas as estrofes mais importantes, extingindo ainda, porém, o "mourão", o "galope à botear", o "martelo galopante" — que é uma sextilha de dez sílabas — e outras formas menos importantes. Entretanto, apesar de estarem se tornando mais raras, ainda encontramos, no Sertão e na Zona da Mata alguns "romances" líricos ou heróicos, compostos na forma romântica e cantados pelo povo, que mantêm essa sobrevivência graças na memória coletiva e que os chama quase sempre de "cantigas velhas".

"A cantoria", ou "desfolha", é a forma usada para a Poesia Improvisada das Cantorias, e cantada em punho, improvisada, às vezes durante toda uma noite, à maneira dos "lançes" pernambucanos. Para mim, o que existe de melhor em tais desfolhas, são os versos jocosos, satíricos, cômicos: "Vá lá buscar um carneiro que seja mocho e pelado, com uma cauda na testa, com os quatro pés marchados, de rabo branco e comprido e com o couro do pescoço Meu colega, me desculpe, você errou o roteiro. Vá botar um cavalo, vá procurar no terreiro: encontrado como esse, o felô do ped-chiqueiro."

Alisa, esse tom satírico reaparece, também, na Literatura de Cordel nos "folhetos" compostos, impressos e vendidos nas feiras. Os ciclos principais desse Romancete impresso podem ser agrupados em dois tipos: o ciclo heróico e o ciclo vilhoso; ciclo religioso e de moralidades; ciclo cômico, satírico e pícaro; ciclo histórico e circunstancial; ciclo de amor e fidelidade.

No ciclo cômico, satírico e pícaro é que as especificidades aparecem, e incluem, sem dúvida, o que já mostramos na Poesia Improvisada. Para exemplo, o folhetista às vezes chega ao obscuro, fazendo o seguinte: "O velho do Nordeste popular. Exemplo disso é a seguinte sextilha de um folheto do parabaiano Firmino de Paula, sextilha editada por Zília de Andrade Lima: Atrou-lhe à queima-roupa: porém, naquele momento, o mundo desvanteu, e, veloz igual ao vento, deu-lhe um grande pontapé no calor do casamento."

No ciclo heróico, constituído pelos romances épicos e trágicos, e, principalmente, pelas festas do Congoango, encontramos estrofes como esta, de "Romance do Valente Vieta": O Alferes pegou do rifle, ficou o mundo tinto: era o dado amolegado, e o fucunero cobrinho, batizou as baías em Vila, vilando pra trás, zuriado.

As vezes, porém, no ciclo heróico, no meio de um romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no

romance épico — ou em que se misturam o épico e o maravilhoso, como é o caso de Lempio no